

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE E DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA RESSIGNIFICAR A LINGUAGEM E O SUJEITO COM SÍNDROME DEMENCIAL

1

Andreza Shirlene Figueiredo de Souza²
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo³

Resumo: O presente artigo⁴ mobiliza compreender o sujeito de linguagem com síndrome demencial em detrimento da doença orgânica. Assim, o estudo objetiva propor reflexões e rupturas de discursos perenizados acerca da demência, pois parte da problemática, pelo senso comum capturado pelo discurso da Medicina, de concentrar-se na cognição, na fala desviante e não no funcionamento discursivo do sujeito. Para isso, as correntes teóricas que fundamentam este trabalho são a Psicanálise lacaniana e a Análise do Discurso Pecheutiana, uma vez que as duas teorias se imbricam na concepção de sujeito e linguagem. Nesse sentido, a metodologia é basicamente a bibliográfica. Logo, propõe um repensar acerca do sujeito com demência, não o anulando, nem focando na patologia, pois entre o sintomático e não-sintomático as fronteiras se entrecruzam, não havendo um lugar tão bem demarcado, já que nada é completo e dominante.

Palavras-chave: Linguagem. Psicanálise. Análise do Discurso. Sujeito com síndrome demencial. Pulsão Invocante.

CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS AND DISCOURSE ANALYSIS TO RESIGNIFY LANGUAGE AND THE SUBJECT WITH DEMENCIAL SYNDROME

Abstract: This article mobilizes to understand the subject of language with demencial syndrome to the detriment of organic disease. Thus, the study aims to propose reflections and ruptures of perseeded discourses about dementia, because part of the problem, by the common sense captured by the discourse of Medicine, of focusing on cognition, in the devious speech and not on the discursive functioning of the subject. For this, the theoretical currents that underlie this work are Lacanian Psychoanalysis and Pecheutian Discourse Analysis, since the two theories are

- 1 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).
- 2 Doutoranda (Bolsista FACEPE) em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio e técnico-pedagógica de Língua Portuguesa, ambos pela Secretaria de Educação de Pernambuco. E-mail: andrezashirlene@gmail.com
- 3 Doutora em Letras e Linguística (UFPB, 2006). Professora adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco, professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem. Líder do grupo de pesquisa do CNPq, Discurso, sujeito e sociedade. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

intertwined in the conception of subject and language. In this sense, the methodology is basically the bibliographic. Therefore, it proposes a rethink about the subject with dementia, not canceling it, nor focusing on the pathology, because between the symptomatic and non-symptomatic the borders intersect, with no place so well demarcated, since nothing is complete and dominant.

Keywords: Language. Psychoanalysis. Discourse Analysis. Subject with demencial syndrome. Summoning Drive.

Introdução

Por muito tempo a concepção de indivíduo, dono do saber cognitivo, reinou nos estudos científicos, como se pode observar com Descartes, que defende o sujeito da certeza, da verdade, segundo informa Lacan ([1964] 2008). Entretanto, com o advento da Psicanálise e o estudo do discurso, principalmente, por base pecheutiana, houve a transmutação de indivíduo a sujeito, pois este é capturado pela linguagem, ou seja, constituído na e pela linguagem que estrutura o inconsciente. Nesse sentido, Althusser (1992, p.08), a partir do Materialismo Histórico, enfatiza a concepção de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela via da ideologia, que se materializa no discurso. Ambas as teorias defendem um sujeito que é estruturado pela linguagem, a saber, é ela que vai ao encontro do sujeito pela pulsão invocante e não o inverso. Logo o sujeito é do inconsciente, clivado, assujeitado tanto ao seu inconsciente quanto às circunstâncias histórico-culturais – leis e seus interditos, representado pelo Outro e ecoado pelo outro. Na Análise do Discurso de linha francesa, além disso, portanto, o sujeito também é ideológico.

Por conseguinte, na Psicanálise, a linguagem é enfatizada como o Outro, como ressalta Lacan ([1957-1958] 1999, p.14) “Outro como sede da fala”, e aborda o sujeito do inconsciente como um efeito do significante, a saber, é a linguagem que o captura e não ao contrário como acontece com o indivíduo que vai em busca da linguagem “perfeita e completa”. Desse modo, o sujeito e a linguagem não são vistos como uma completude, certeza, mas sim pela incompletude, visão essa que cabe muito bem para ressignificar o paradigma acerca da linguagem e do sujeito com síndromes demenciais, já que pelo

viés psicanalítico e discursivo há o real da língua, ou seja, é inerente a toda linguagem as falhas, falhas e equívocos.

Diante disso, a concepção de linguagem tangenciada pelas duas teorias em estudo, também rompe com a standardização de língua enquanto apenas estrutura ou categoria. E, assim, o sujeito com fala desviante, ou no caso deste estudo, ocasionada pela síndrome demencial, deve ser visto não mais como fadado ao fracasso linguístico-discursivo devido à sua patologia (segundo a concepção que defende o orgânico e o indivíduo empírico). Isto é, se a pessoa com algum Transtorno Neurocognitivo (TNC) for vista apenas pela cognição como propõe a ordem biológica, anula-se o sujeito com toda sua carga pulsional e, ao invés de analisar o funcionamento de seu discurso, focará na sua prisão (AZEVEDO, 2019) desviante linguisticamente, sendo essa a grande problemática que impulsionou o estudo em tela.

Nesse caso, a metodologia abordada é a bibliográfica, pois parte das concepções advindas da Psicanálise lacaniana e da Análise do discurso pecheutiana (AD), já que visa desmistificar paradigmas evocados acerca de pessoas com síndrome demencial, uma vez que pretende valorizar o sujeito, bem como sua linguagem, mesmo desviante, em detrimento da patologia cognitiva. Isto posto, o que está em jogo é o seu funcionamento discursivo. Para tanto, a pesquisa, objetiva propor reflexões e rupturas de discursos perenizados acerca da demência.

Consequentemente, questionamentos surgiram para romper com essa concepção tão petrificada acerca das síndromes demenciais, levando em conta sempre o sujeito e sua lingua-

gem: Por que é necessário a mudança da concepção de indivíduo a sujeito? Se negligenciarmos a concepção de sujeito haverá uma fixação em apenas indicar a patologia na cognição e, conseqüentemente, na sua fala desviante? E se houver uma concentração no desvio da fala e apenas na visão organicista da doença, o que pode gerar? Qual contribuição de se considerar o funcionamento discursivo em detrimento da língua estandardizada? Onde fica a pulsão invocante que move o sujeito do discurso diante da demência?

Portanto, para responder aos questionamentos e reflexões anteriores, este trabalho está segmentado em quatro partes: a primeira parte versará acerca das contribuições psicanalíticas para transmutar o indivíduo a sujeito para enfatizar a grande importância dessa concepção para um novo olhar sobre a sintomatologia. Na segunda parte, haverá reflexões para ressignificar o sujeito com TNC por meio do viés teórico da Psicanálise, visando romper com visões naturalizadas a respeito da demência e do sujeito acometido por ela. Da terceira parte, constará questões que tocam em transpassar barreiras acerca da linguagem desviante, pois há um imbricamento nas fronteiras entre a desviante e não-desviante, como propõe a própria Psicanálise, já que em toda a língua a falhas, visão defendida também pela AD. A quarta parte, toca na concepção discursiva, visando trazer considerações acerca do funcionamento linguístico-discursivo do sujeito em detrimento de uma língua como abstração de uma estrutura. Na quinta parte, aborda a importância da promoção à pulsão invocante (sendo para psicanálise lacaniana uma questão conceitual fundamental), pois todo sujeito é e deve ser movido pela voz, mesmo que tenha alguma questão sintomática. E, por fim, espera-se que essas reflexões venham a interrogar o sujeito-interlocutor deste estudo acerca da temática abordada, uma vez que, todo texto é uma cooperação entre escritor e leitor.

1. Contribuição da Psicanálise para a transmutação do indivíduo a sujeito

Pelo viés psicanalítico, sabe-se que não há

espaço para o indivíduo empírico, que é dono de um saber cognitivo, que pensa controlar e dominar a linguagem. Diante disso, a concepção de sujeito da certeza, que domina o que diz, bem como do sentido que quer evocar, é rompida, pois como propõe Lacan ([1964] 2008, p. 36) “falta-a-ser”, ou seja, o inconsciente do sujeito é estruturante de uma falta, já que será sempre um sujeito desejante, logo é a falta que move o sujeito.

Nessa perspectiva, a visão de indivíduo é posta em xeque, desde algumas concepções filosóficas à psicanalítica. Com Descartes temos a ideia de indivíduo dono de seu saber e pensamento, que por ele mesmo controla tudo, domador de sua linguagem e de seus sentidos, isso é verificado a partir de seu famoso enunciado: Penso, logo sou. Com os escritos de Althusser ([1970] 1992), o indivíduo se transmuta a sujeito quando é assujeitado pela ideologia, não sendo mais o ser cartesiano dominado pelo empírico, mas agora capturado pelos discursos/interdiscursos ecoados por fatores ideológicos e que vai construindo sua formação ideológica e discursiva que pauta a concepção da AD.

Isto posto, é pelo viés da Psicanálise, propriamente lacaniana, que se chega ao conceito de sujeito, este é assujeitado pelo Outro, que é da ordem da linguagem por meio do outro (ecos de seu interlocutor) que é perpassado a ele e que vai o capturando através do jogo entre o significante. Dessa maneira, o sujeito deixa de ser empírico para ser social, por isso a noção de assujeitamento. Assim, o sujeito psicanalítico é do inconsciente, já que é constituído na e pela linguagem, e este inconsciente é estruturado como uma linguagem, ele também é dividido, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente quanto às circunstâncias histórico-culturais.

Vale salientar que, mesmo com a noção de assujeitamento, fazendo a distinção entre o eu (empírico) e o sujeito (assujeitado), a Psicanálise diverge da ideia de sujeito do Materialismo histórico de Althusser, como elenca Ferreira

(2010), pois parte de dois conceitos fundamentais: o inconsciente e a pulsão, sendo o sujeito construído pelo campo da linguagem, do inconsciente e do desejo.

Nesse sentido, o sujeito é efeito de linguagem pela cadeia do significante. E, Lacan, detém-se no inconsciente, a partir da tríade: simbólico, imaginário e real, em uma relação de intercambialidade (já defendida no Nó borromeo) entre: sujeito no centro, inconsciente, linguagem e ideologia, como ressalta Ferreira (2010). Outrossim, o simbólico corresponde à ideologia, leis, princípios e significações, ou seja, tudo que está ligado a uma cultura dominante pertencente ao campo da linguagem, da palavra. Já o imaginário, refere-se a imagem que o sujeito registra do mundo. E o real é tudo aquilo que escapa a uma ideia de controle, como pontua Lacan ([1964]2008, p.59) “um real que escapa”, ou seja, aquilo que falta, desliza. Diante disso, vale pontuar que há uma interligação constitutiva dessas três ordens no inconsciente, o imaginário precisa do simbólico e que está inerente ao real. Vale lembrar também que essa falta acarretada pelo real deve ser vista como algo positivo, pois é o que move o sujeito a buscar uma completude utópica, mas sem ela (pulsão) a busca pelo desejo estaria comprometida.

Para tanto, parece urgente a mudança na concepção de indivíduo do campo do empirismo, do saber, da certeza para a de sujeito proposta pela Psicanálise lacaniana, já que promove um deslocamento e propõe ver o sujeito em seu funcionamento, na sua subjetividade que é constituído não pelo empirismo, mas pela linguagem – Outro. Isto posto, é importante ressaltar que o sujeito é clivado pelo consciente e inconsciente e não mais dono de um saber consciente, pois, só assim os quadros patológicos pelo viés orgânico poderão ser revisitados e ressignificados, indicando que há um sujeito que está sempre em movimento pela linguagem/inconsciente, independentemente, de qualquer situação sintomática.

2. Ressignificando o sujeito com síndrome demencial pelo viés psicanalítico

Sabe-se que a síndrome demencial, seja de qualquer ordem, é vista, pelo menos pelo senso comum (capturado pela ordem da Medicina), como uma doença que, geralmente, fada o sujeito ao fracasso linguístico-discursivo, o aprisionando em uma fixação de seus equívocos, falhas na fala. Isso é reflexo do simbólico no imaginário do sujeito enquanto linguagem, pois todo sujeito é capturado pela linguagem/discurso proferido sobre sua condição, no caso da demência, sujeito doente – demente.

Vale ressaltar que como propõe Beilke (2009) o termo demência é complicador, já que por mais que haja um comprometimento cognitivo pela visão organicista, sabe-se que a mente sempre estará em funcionamento, já que o sujeito/discurso está em constante movimento, sendo o sujeito da linguagem, do inconsciente e da pulsão/desejo. Além disso, é importante destacar também, que o próprio Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (2014), muda a nomenclatura demência, pelo Transtorno Neurocognitivo, podendo ser Menor ou Maior, a depender da severidade da dependência, talvez isso se explique, pelo próprio valor pejorativo que o vocabulário carrega na sociedade, pois foi petrificado pelos discursos evocados e capturam os sujeitos de forma bastante negativa.

Ainda em relação ao sujeito pulsional, no caso da demência, parece que ele se concentra e é movido pela pulsão de morte, como questiona Goldfard ([2004] 2014, p.32) “Seria, talvez, campo de domínio da pulsão de morte?”. Isso acontece, porque a libido é reduzido, ou seja, a pulsão não é mais desejada, devido a contextos sociais e históricos que carregam um peso de desvalorização do idoso que mexe com sua autonomia e reconhecimento social, pois é estigmatizado como um sujeito no fim da vida, portanto, sem peso social e, conseqüentemente, dissolve o eu, marginalizando e excluindo, “O

fato de ser a velhice o momento da existência humana mais próximo à morte, ligado ao declínio físico e a questões culturais, cria campo fértil para uma representação negativa e propicia atitudes de marginalização e autoexclusão” (GOLDFARB, [2004] 2014, p. 18).

Sem falar que para a Psicanálise, o termo patologia não ganha tanta fertilidade, já que defende que o sintoma está na linguagem, desconstruindo a dicotomia normal e anormal - “Os critérios de saúde e doença, de normalidade e anormalidade, não são absolutos, mas situacionais e relativos” (PICHON-RIVIÈRE, [1983] 2009, p.198).

Nesse sentido, para este estudo, a demência, como propõe Goldfarb ([2004] 2014) não deve se concentrar apenas na cognição, na sua ordem neurológica (claro que sem negar investigações sobre ela), mas na memória como fator histórico e social, elemento extremamente essencial para compreender o funcionamento do sujeito com diagnóstico clínico de demência. Com isso, a síndrome demencial ganha outro sentido e olhar, mudando o “par de óculos” para ressignificar esse sujeito acometido pelo TNC.

Como psicanalistas interessados no fenômeno demencial não estudaremos a memória como função neurológica, porém não deixaremos de ficar atentos a tudo aquilo que a pesquisa científica descobrir em relação a esta função tão essencial. Como psicanalistas estudaremos a memória como produção histórica do sujeito psíquico, resultante de seu funcionamento inconsciente, com o qual pretendo contribuir para um aprofundamento dos estudos a este respeito (GOLDFARB, [2004] 2014, p. 23).

E, assim, mostrar que a memória do sujeito é capturada pelo simbólico e refletida no imaginário por meio de seu discurso. Nesse sentido, sempre haverá algo a ser dito pelo sujeito mesmo com diagnóstico de demência, pois está na sua memória social, movida pelo inconsciente e, isso, deve ser valorizado e não ignorado pelo simples fato de se achar, devido a um discurso

cristalizado, que não há mais memória.

Ainda em relação a pulsão, como mola propulsora para o desejo que move o sujeito, “‘natureza humana’ é constituída por pulsões” (GOLDFARB, [2004] 2014, p.17) parece estar corrompida pelo discurso que marginaliza o idoso e, conseqüentemente, mexe com sua libido. Isso pode ser um dificultador, já que pode gerar nele um quadro de demência muito mais por fator social que biológico, já que “o sujeito descentralizado de sua história e de seu destino perde o sentido histórico de sua existência, isto é, o sentido de pertença ao conjunto das relações humanas que cobram significação às singularidades da vida de cada indivíduo” (GOLDFARB, [2004] 2014, p.33).

Além do mais, para a Psicanálise, a demência, segundo Goldfarb ([2004] 2014) seria uma reação à frustração, perda ou fixação, movendo o sujeito a um caminho de regressão narcísica, já que o sujeito como pontua a própria autora citada anteriormente, fazendo referência a Freud a partir da obra deste teórico Introdução ao narcisismo “a pessoa retira seu interesse libidinal dos objetos do mundo e os desloca para si mesmo ou para o órgão doente. A doença faz com que ela regreda a um estágio anterior, infantil, do desenvolvimento. Torna-se narcisista” (GOLDFARB, [2004] 2014, p.93).

Portanto, a síndrome demencial pelo viés psicanalítico no qual é defendido neste estudo, está atrelado a circunstâncias ressoadas pelo simbólico que captura o imaginário do sujeito, desaguando no biológico. Sendo isso, uma consequência da perda da libido como indica Freud, explicando assim, vários sintomas como a perda da capacidade de captar informações novas, mas lembranças antigas muitas vezes intactas, uma vez que a libido está concentrado no passado no qual o sujeito tinha um valor social. Logo, sendo uma questão mais psíquica atrelada ao inconsciente pelo seu entrelaçamento entre o simbólico, imaginário e real que propriamente da ordem orgânica, por isso, faz-se necessário um estudo que intercambie Psicanálise e as síndro-

mes demenciais para ressignificar o sujeito com TNC.

3. Transmutando sentidos cristalizados acerca da linguagem desviante do sujeito com síndrome demencial

É de extrema importância a compreensão de que toda a linguagem é constituída por falta, falha, equívocos, pois segundo a Psicanálise, isso é da ordem do real da língua. Nesse sentido, o que parece ser um problema, é considerado como constituinte de toda prática discursiva, podendo mudar o olhar para essas faltas/falhas na linguagem dos sujeitos com síndrome demencial a partir do funcionamento da linguagem, como coloca Lier-De Vitto (2001, p.246): “produções sintomáticas podem ser ‘formas linguísticas típicas’, mas com regras pragmático-discursivas deficientes que ‘perturbam a comunicação e isolam o indivíduo em seu ambiente’”.

Assim, o real da língua estará sempre presente em qualquer discurso do sujeito, seja ele com fala desviante (sua marca) 5 ou não. Nessa ordem, a noção de erro, vista pelo senso comum, capturada pela categoria/estrutura da língua estandardizada, deve ser ressignificada, já que é visto como intrínseco ao funcionamento da linguagem, como aponta De Lemos (2002, p.49) “o erro como indício de mudança e, portanto, de desenvolvimento”.

Nessa perspectiva, a linguagem higienizada, termo usado por De Lemos (2002) de forma crítica, mas defendida pela norma estruturalista da língua é desmistificada, pois é verificada que a falha faz parte do processo linguístico-discursivo dos sujeitos, e isso não só se desenvolve nas alterações da linguagem, porém em todo funcionamento discursivo.

Desse modo, faz-se necessária a mudan-

5 O real da língua faz sua marca na linguagem do sujeito com demência, pois este fica preso no imaginário sob o peso de um real, provocado pela sintomatologia de uma doença degenerativa da cognição e, portanto, da linguagem.

ça de paradigma que se tem de fluência e perfeição da linguagem, já que como expõe Lacan ([1964] 2008) o inconsciente é constituído por falta e falha e, conseqüentemente, a linguagem se enquadra nessa ordem também. Logo, não dar mais para o sujeito com demência ser visto como um doente (marcado pelo corpo) fadado ao fracasso linguístico-discursivo, pois como propõem a Psicanálise e a AD, toda linguagem é constituída de falta e incompletudes, ou como elencam Scarpa (2006) e Azevedo (2019) a fluência é uma abstração, já que nenhum sujeito é dono de seu discurso, o que há é uma ilusão de controle.

Por conseguinte, pela estratificação da memória discursiva, que ecoa um discurso já naturalizado sobre as síndromes demenciais e que vem sendo ecoado há muito tempo, é notório o sujeito com demência não se constituir como protagonista nas práticas discursivas, meramente por não conseguir, por vezes, ter uma linguagem fluente e, por isso, não ser impulsionado ao discurso. Essa visão, deve ser desconstruída, pois todo sujeito é sujeito de linguagem e esta é equivocizante.

Conseqüentemente, parece que a problemática da questão está no outro (interlocutor) que condena o locutor com fala desviante ao estereótipo de um falante ininteligível, a saber, como não competente linguisticamente, “dificuldades levantadas pelo problema geral da compreensão do outro” (CANGUILHEM, [1966] 2020, p.72), como se a compreensão e os sentidos fossem controláveis.

Dessa maneira, é essencial privilegiar o sujeito real e não ideal (de um modelo de funcionamento que está pautado em questões meramente estruturais do sistema linguístico), a saber, o que deve ser levado em consideração é o funcionamento da linguagem/discurso, já que é a partir das relações histórico-sociais que o sujeito se constitui. Nessa circunstância, o real da língua é evidenciado e não banalizado, sendo através dele, o “guincho” para puxar o sujeito com demência para assumir sua posição-sujeito

de falante, rompendo com a sua marginalização.

Outrossim, vale ressaltar como elenca Lacan ([1957-1958] 1999, p.21) que pela trama da “existência de uma cadeia de significante”, ou seja, pelo jogo entre o significante poderá haver deslizamentos nos sentidos, já que cada sujeito é único, constituído pelo inconsciente, linguagem e desejo, por isso, não pode controlar a linguagem nem seus sentidos “roda do moinho de palavras, o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz” (LACAN, [1957-1958] 1999, p.21).

Vale pontuar também que as alterações na linguagem, ocorridas nas síndromes demenciais, sobretudo, no Alzheimer, são vistas e avaliadas muito mais por aspectos estruturais do sistema linguístico, como percebido em Budon e Solomon (2018) e Gomes (2007), enquanto os aspectos discursivos são marginalizados. Desse modo, é evidente que as atividades avaliadoras excluem os aspectos sócio-históricos e valorizam os aspectos metalinguísticos, isto é, a concepção de linguagem é de categoria, esquecendo das condições de produção discursivas, sendo essas essenciais para compreender o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito, mesmo com TNC.

Portanto, a expressão fala desviante se refere àquela que foge do padrão, que difere de uma língua estandardizada por fatores culturais dominantes. Entretanto, não pode ser desacreditada, pois é por meio dela também que a língua é analisada em funcionamento como qualquer outro processo discursivo, pois compreende o real da língua, já que esta está sujeita à falta e falhas e, conseqüentemente, todo o sujeito faz parte desse jogo de equivocidades.

4. Análise do Discurso como vértice para (re)pensar o funcionamento linguístico-discursivo de sujeitos com demência

A concepção de discurso neste estudo, parte da vertente teórica francesa pecheutiana, que o compreende como um efeito de sentidos

pela inter-relação com a historicidade, ou seja, é pela relação entre linguagem e ideologia que se materializa o discurso. Diante disso, o sujeito e o sentido são efeitos da linguagem por meio do funcionamento discursivo. Dessa forma, o discurso é movente, como propõe Orlandi (2009), e o sujeito também, não podendo estar mais preso a uma visão individual/empirista e nem a língua como estandardização da estrutura.

Nessa ordem, é necessário destacar que a Análise do Discurso parte do imbricamento entre Materialismo histórico, Psicanálise e Linguística, sendo assim, uma disciplina de entremeios com outros campos para respaldar seus fundamentos teórico-metodológicos e, tornando-se de abordagem interdisciplinar.

Do Materialismo histórico, reconfigurado por Althusser (1992), pauta-se na ideologia que reproduz discursos de um sujeito interpelado, ou seja, o indivíduo se transmuta a sujeito pelo assujeitamento à ideologia, assim, “a ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1992, p.69). Nesse caso, a reprodução e/ou transformação de discursos nasce da “luta de classes”, como demonstra Pêcheux ([1988] 2014, p.130) “modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo ‘princípio’ é a luta de classes”, a partir dos postulados de Marx e do próprio Althusser.

Da Linguística, absorve os ideais de Saussure ([1970] 2012), que vê a língua como um sistema de toda atividade humana, por isso não deixa de ser social. Entretanto, valendo das críticas à teoria de Saussure, podendo ser vista entre a dicotomia entre língua e fala, Pêcheux por meio da noção de fala, propõe a ideia de funcionamento discursivo que parte da inter-relação entre ideologia e historicidade para o desenvolvimento de sentido. Diante disso, Pêcheux ([1988] 2014, p.81) aponta a língua “como a base comum de processos discursivos diferenciados”, logo, o estudo da linguística, ciência dos fenômenos linguísticos, é essencial para o

campo da teoria do discurso, pois se favoreceu dela para reconfigurar conceitos, já que para AD, a língua é um sistema materialista/social e não de formas abstratas (ORLANDI, 2007). Mediante isso, ganha terreno o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito em detrimento de uma língua como abstração de uma estrutura e, com isso, perceber que a linguagem é processo/funcionamento e não produto acabado.

Em relação à Psicanálise, advém a concepção de sujeito, base elementar para AD, pois reverbera a ideia de um sujeito constituído na/ pela linguagem, sendo seu efeito. Portanto, para as duas teorias o sujeito é do inconsciente, assujeitado pelo Outro/ideologia, não podendo mais ser visto como indivíduo, já que pelo processo de assujeitamento sem se dar conta disso (o que Pêcheux elenca como esquecimento), ele não é a fonte de seu dizer, nem controlador de sentidos, uma vez que pode equivocizar via inconsciente, ou seja, cometer falhas, deslizar, isso acometido pelo real da língua⁶.

Diante de tudo isso, a Análise de Discurso, é trazida à baila neste trabalho, pois, como foi tratado anteriormente, configura-se como uma disciplina de entremeio, já que por meio de diferentes campos do conhecimento, ela se concebe, justamente, no terreno de divergências e de ligações transversais, pautando seu fundamento analítico teórico-metodológico.

Assim, a análise do Discurso, compreende a relação da língua com a exterioridade, movendo o discurso às condições de produção de uma dada conjuntura. Nessa ordem, o discurso para AD é visto como materialidade ideológica, inerente a uma certa formação discursiva (FD), como defende Pêcheux ([1988] 2014, p.82): “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”.

Nessa circunstância, essa movência discursiva se dá pelo imbricamento e contradições

6 Pela Psicanálise e reverberada pela AD, o real da língua é constituído pelo equívoco, deslize e falta da linguagem durante as práticas discursivas, logo, a falha é constituinte de todo processo de linguagem, nesse caso, a idealização de uma língua é uma abstração.

das próprias formações discursivas por meio dos embates ideológicos. Dessarte, para a AD, o que deve ser analisado é o funcionamento discursivo e, não apenas a estrutura da língua; perpassado pelas formações imaginárias, formações ideológicas e discursivas, interdiscursos que movem o sujeito para gestos de interpretação de sentidos, ou dizendo de outra maneira, para os efeitos de sentido durante as práticas discursivas.

Nessa perspectiva, ideologia e sujeito se imbricam, uma vez que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2012, p.153). Assim, o sujeito não é mais do reino do empírico, mas perpassado pelo inconsciente, ideológico e social, sendo assim, uma posição-sujeito, determinada pelas relações imaginárias, ou seja, é pelo discurso que se percebe a posição/lugar social que o sujeito assume diante das práticas discursivas. Isto posto, é relevante pensar nos sujeitos acometidos por síndromes demenciais, pois a ideologia irá interpelar qual posição-sujeito assumem no discurso diante de seu sintoma, qual FD reproduz isso? Nessa ordem, na maioria das vezes, são ressoados discursos que o fadam ao fracasso social e, conseqüentemente, linguístico-discursivo, ou seja, estão presos no imaginário um eco de insucesso sob o peso de um real e excluídos do simbólico pela sua marginalização.

Em vista disso, são as FDs que determinarão qual posição social o sujeito com demência irá identificar-se, evocada pelo seu discurso. No entanto, vale ressaltar que é necessário perceber que as próprias formações discursivas passam por batimentos, já que elas vivem em constante trânsito, não sendo homogêneas, mas heterogêneas, ou seja, para que um determinado sujeito se identifique em uma FD, ele perpassou por outras FDs em um processo de contraindificação e desidentificação até o de sua identificação, em um movimento permanente.

Conseqüentemente, o sujeito com síndrome demencial pode reproduzir em seu discurso uma identificação em uma FD de doente, pois seu imaginário, foi capturado pelo simbólico, ou

seja, pela ideologia da Medicina (ordem do discurso irreversível) e, ressoada pelo social, como enfermo, condenando a ser um sujeito debilitado. E, por consequência, marginalizado-o, o que pode gerar a angústia e empurrá-lo para um estado de demência mais acentuado pelo discurso evocado através de interdiscursos.

Paralelamente, compactuamos com que Pêcheux ([1988] 2014) defende, os discursos podem ser transformados, uma vez que surgem constitutivamente da resistência. Nesse sentido, pela via discursiva, o sujeito com demência pode ser ressignificado na relação entre memória-linguagem, ou seja, não pode ser apenas visto pela falha na cognição e alteração na linguagem. No entanto, é preciso o sujeito ser bombardeado pelo viés discursivo, sempre o invocando ao discurso, para que a cognição reaja melhor, pois mesmo com comprometimento da memória-linguagem, haverá algo a ser materializado que nem sempre será pelo verbal.

Portanto, para a AD, é necessário ver o sujeito e sua linguagem em funcionamento pelo viés discursivo, uma vez que vai para além da caixinha do homogêneo, pois o real se mostra constitutivo de todo processo linguístico-discursivo. Apesar disso, esse real fica mais marcado em sujeitos com alteração de linguagem, como no caso, dos demenciados.

5. Onde fica a pulsão invocante diante das falas sintomáticas na síndrome demencial?

A pulsão para a Psicanálise desde Freud, constitui um elemento fundamental para mover o sujeito a buscar o desejo. Logo, Lacan acrescenta a pulsão invocante (voz) ao seu fundamento teórico e, conseqüentemente, aos conceitos elementares da Psicanálise ao “dar a voz um estatuto de objeto, dito de objeto a” (MILLER, 2013, p.01), dando a voz o direito de um lugar de relevância na constituição do sujeito desde mesmo o infans.

Além do mais, como Lacan expõe ([1964] 2008, p.160) “a pulsão não é impulso”, pois ultrapassa a realização direcionada a um outro e ao orgânico, e chama a desejar, isto é, vai para

além da satisfação instintual. Diante disso, a pulsão pela invocação/voz se torna a causa do desejo primordial pelo Outro, desejo esse que se faz pela falta, e que move o sujeito pela ausência na presença, já que “se descobre igualmente apelante e, conseqüentemente desejanter” (VIVÈS, 2009, p. 330). Nessa circunstância, pensemos: no sujeito com alteração de linguagem, parece, por vezes, que essa etapa é negligenciada, pois essa relação de ser apelante e desejanter é perdida, já que não há uma invocação/voz que o chame para esse jogo do “reconhecimento do Outro e de sua falta” (VIVÈS, 2009, p. 330).

Nessa ordem, a pulsão invocante faz emergir um sujeito, pois é invocado pela sua relação com o Outro pela voz, essa ideia é defendida por Vivès (2009, p.329) “o sujeito nasce na relação com a voz do Outro”. Isto posto, a pulsão invocante para com o sujeito com síndrome demencial parece ser interrompida, provavelmente, pela concepção de que os sujeitos com desvios na fala, parece, por vezes, não serem dignos de uma invocação, pela simples questão de haver um estranhamento no som/fala do outro. Entretanto, esse estranhamento estar centrado no interlocutor.

Diante disso, o sujeito com fala desviante, como acontece em algumas demenciais, como o Alzheimer, são petrificados pelo outro ao não acesso a pulsão invocante, ou seja, a voz não é “dada” ao outro, o que pode comprometer ainda mais seu discurso, já que se não há pulsão, não há desejo de se pôr na ordem do discurso, de ser sujeito de seu discurso. À vista disso, deixa de ser sujeito/protagonista do discurso para sempre ser o objeto, regalado a um eterno fracasso linguístico-discursivo. E, assim, conseqüentemente, o circuito da pulsão invocante “entre ser chamado e um se fazer chamar” (VIVÈS, 2009, p.330) é comprometido.

Haja vista, como elenca Vivès (2009), a voz chama o sujeito a ser, pois para que ele tenha existência é fundamental que o Outro o invoque, puxe-o ao desejo pela invocação. Logo, parece pertinente a ideia defendida por Gold-

farb ([2004] 2014) de que a demência está atrelada à perda do desejo/libido do sujeito, fazendo com que as lembranças antigas o aprisionem, pois é lá que estão sua reprodução para a pulsão de vida, já que nelas era pulsionado, invocado, a saber, havia voz que o chamava a ser sujeito. No entanto, no momento presente, é marginalizado e excluído pela idade ou pelo desvio biológico da demência, e, talvez, por isso não se interesse por guardar as informações atuais, já que não há uma pulsão para este presente.

Para tanto, a pulsão invocante se faz necessária para a constituição de qualquer sujeito, já que este é composto pela invocação, pois ela o chama a ser sujeito como pontua Vivès (2009), inclusive, para aquele que se encontra fixado em algum sintoma que desvia e/ou escapa. Nesse sentido, é preciso o sujeito ser convocado pela voz, já que não existe um eu sem o outro. E, por fim, é preciso repensar na importância dessa pulsão para além de infans, crianças e adultos não-sintomático, mas para qualquer sujeito, sobretudo, o idoso com síndrome demencial, já que este, na maioria das vezes, é silenciado pelo simples fato de estar desacreditado por sentidos ideológicos de fim da vida, sintomas de demência, fala desviante, excluindo-o de seu convívio social.

Para efeito de fim

A partir das concepções advindas da Psicanálise, principalmente lacaniana, e da Análise do Discurso pecheutiana, foi percebida a importância de seus fundamentos teóricos para ressignificar noções fortemente naturalizadas por discursos de ideologias que petrificam os sujeitos com síndromes demenciais e em alguns casos de sua linguagem desviante. Além disso, para transmutar a ideia de indivíduo centrado no empírico a sujeito que é perpassado pelo Outro, bem como a relevância da pulsão invocante para a composição de qualquer sujeito, defendida pela corrente psicanalítica.

Assim, a Psicanálise e a AD mostram que o sujeito não é centrado, dono de seu discurso, definido pelo orgânico, mas dividido, entre a brecha do consciente e inconsciente, sendo um sujeito da ordem da linguagem (constituído por ela) do desejo e da ideologia, por isso, não deve ser visto apenas como do campo orgânico, mas do psíquico atravessado pelo imaginário, simbólico real. Por conseguinte, essas ideias são de extrema importância para este estudo, pois não se centra na patologia da demência, mas no funcionamento do sujeito e da sua linguagem real e não ideal⁷ nas síndromes demenciais.

Com isso, averigua-se a relevância dessas teorias, já que propõem ampliar “a lente” acerca dos sujeitos com síndromes demenciais, mostrando que eles devem ser vistos para além de suas limitações sintomatológicas, e que ali há um sujeito que precisa ser invocado e não silenciado, acreditado e não renegado, investido e não excluído, e, assim, dar voz e vez a eles, independentemente de sua condição neuronal e de sua linguagem que desvia.

Portanto, o estudo primou pelo sujeito em detrimento de seu quadro demencial, uma vez que rompe com a forma biologizante de ver as síndromes demenciais, a linguagem e, consequentemente, o sujeito, bem como deslizar sentidos perenizados acerca das questões citadas, propondo desconstruir conceitos engessados e ecoados por discursos do senso comum ou médico, tirando o peso organicista da demência. Devido a isso, em termos teóricos, a Psicanálise “cai como luva” nas mãos de quem ver o sujeito com toda sua subjetividade, carga pulsional e alteridade, não podendo aprisioná-lo em “caixinhas” do que é certo, biológico, neuronal, e do que é errado, doentio. Por fim, não esquecer que cada sujeito é único e perpassado pelo Outro por meio do outro e não mais do reino do empí-

7 Segundo a Psicanálise o real da língua seria aquilo que escapa, que falha ou falta, algo que é inerente a qualquer linguagem e sujeito, independe de ser sintomático ou não. Enquanto o ideal, pelos sentidos naturalizados, é tudo aquilo que não desvia de uma língua estrutural/estandardizada.

rico. Ademais, não há como sustentar a questão da patologia na linguagem, sintoma na linguagem como sinal de erro na concepção da análise linguística tradicional ou na etiologia orgânica, como corpo biológico, mas sim, ressignificar a interpretação para a fala desviante por meio do viés discursivo.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1992.
- Associação Psiquiátrica Americana. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª ed.)*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de et al. *A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva*. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista v. 17, n. 1 p. 37-54 Jan/mar de 2019.
- BUDSON, Andrew; SOLOMON, Paul. *Perda da Memória, Doença de Alzheimer e Demência: Guia Prático para Clínicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Tradução: Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020. p. 01-185.
- GOMES, Juliana Brazolin. *A linguagem em sujeitos com Demência de Alzheimer sob a ótica de uma concepção enunciativo-discursiva*. *Estudos Linguísticos XXXVI (2)*, maio-agosto, 2007. p. 293 / 300.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. *Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas (42) 41-69, jan./jun.2002.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*. *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. v.02, n.48. 2010.
- GOLDFARB, Delia Catullo. *Demências: clínica psicanalítica*. 1ª reimpressão da 2ª ed. São Paulo: casa do Psicólogo, 2014, p. 01-97.
- LACAN, Jacques. *O seminário: as formações do inconsciente*. 1ª ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. *O seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca; FONSECA, Suzana Carielo. *Linguística, aquisição da linguagem e patologia: relações possíveis e restrições obrigatórias*. *Letras de hoje*, Porto Alegre. v.36, nº 03, p.433-439. setembro de 2001.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca. *Sobre o sintoma – déficit de linguagem, o efeito da fala no outro, ou ainda...?* *Letras de hoje*, Porto Alegre. v.36. nº03, p.245-251, setembro de 2001.
- MILLER, Jacques-Alain. *Jacques Lacan e a voz. Opção lacaniana online nova série*. Tradução de Lourenço Astua de Moraes e Renata Cecchetti. Ano 4. Número 11. Julho 2013, p. 01-13.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal*. Tradução: Marcos Aurélio Velloso e Maria Stela Gonçalves. 8ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- ORLANDI. Eni Puccenelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI. Eni Puccenelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.

SCARPA, Maria Ester. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. Aquisição, Patologia e Clínica de linguagem. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p.161-180.

VIVÈS, Jean-Michel. Para introduzir a questão da pulsão invocante. Tradução de Júnia Mitre Haddad. Revista Latinoam. Psicopat. Fund. São Paulo. V.12, n.02, p. 329-341, junho 2009.

Submissão: julho de 2022.

Aceite: dezembro de 2022.